

Primeiras considerações sobre a educação do campo e as mulheres do assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho, Campo Florido, Minas Gerais¹

Adriany de Avila Melo Sanpaio^(*)
Terezinha Tomaz de Oliveira^(**)
Antônio Carlos Freire Sampaio^(***)

Resumo

Nesse projeto a preocupação envolve todas as mulheres vinculadas ao assentamento de reforma agrária: sejam elas filhas, mães ou avós; professoras, religiosas, agentes de saúde e outras profissionais. Para a valorização, e, por conseguinte o resgate do respeito à mulher no assentamento de reforma agrária pretende-se conhecer suas experiências de vida, em especial, as relacionadas à educação formal. O objetivo geral era pesquisar as trajetórias educacionais individuais e coletivas das mulheres que participam do assentamento de Reforma Agrária Nova Santo Inácio Ranchinho no Município de Campo Florido-MG.

Palavras chave: Auto-Estima. Solidariedade. Cidadania.

First considerations on the education of the field and women of the setting Nova Santo Inácio Ranchinho, Campo Florido, Minas Gerais

Abstract

In this project the concern involves all women linked to the agrarian reform settlement: whether they are daughters, mothers or grandparents; Teachers, religious, health workers and other professionals. For valorization, and therefore the recovery of respect for women in the land reform settlement is intended to know their life experiences, especially those related to formal education. The general objective was to investigate the individual and collective educational trajectories of the women who participate in the settlement of Agrarian Reform Nova Santo Inácio Ranchinho in the Municipality of Campo Florido-MG.

Keywords: Self-Esteem. Solidarity. Citizenship.

A reforma agrária no Brasil ainda ocorre depois de ocupações realizadas pelos movimentos sociais de trabalhadoras/es sem terra. O seja, não é uma realmente uma política pública implementada no país. Mesmo assim, após a formação dos assentamentos rurais, a

¹ Projeto com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais- FAPEMIG.

^(*) Professora Doutora do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: adrianyavila@gmail.com.

^(**) Professora da Educação Básica. Rede Estadual de Ensino. E-mail: terezhato@yahoo.com.br.

^(***) Professor Doutor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: acfsampa@uol.com.br.

realidade encontrada desvaloriza/o pequena/o produtor/a rural, pois, continuam a precariedade das condições de vida; a infra-estrutura deficiente; créditos financeiros e assistência técnica inadequados e ausência de uma educação voltada para as/os assentadas/os.

No contexto educacional atual o Estado racionalizou a estrutura e a organização de pequenas escolas no campo, e muitas crianças passaram a frequentar a escola na área urbana. Isso também leva a um distanciamento das questões relativas ao campo, pois na área urbana, entre outros preconceitos, aprendem que o campo é ruim porque é atrasado. Praticamente as crianças, ano após anos, almejam sair do campo definitivamente. Um problema a mais para as famílias que se organizam no movimento de luta pela terra.

Fruto da mobilização das/os trabalhadoras/es do campo, as transformações no setor da educação “no/para” o campo emergiram das reivindicações dos movimentos sociais do campo que passaram a exigir uma Educação “do Campo”. A partir deste princípio, uma escola pautada pela expectativa de quem trabalha e valoriza a terra para sua própria sobrevivência, a educação do campo em assentamentos de reforma agrária precisa ser também baseada nos princípios da organização coletiva das/os trabalhadoras/es rurais . Em especial a escolarização das mulheres, que sempre é esquecida.

De forma geral, a realidade da Escola do Campo no Brasil ainda é muito precária. Faltam escolas, faltam professoras/es habilitadas/os, material didático, estrutura básica para funcionamento, como por exemplo, alojamentos adequados às/aos professoras/es que passam a semana na escola, refeitórios, e também, equipes de apoio como cozinheiras/os, zeladoras/es, entre outros, pois quase sempre, são as/os próprias/os professoras/es que cozinham e limpam a escola.

Na Escola de um dos assentamentos do Município de Campo Florido (observe a figura 1) não há salas de aulas específicas para cada série escolar, e os professores são obrigados a morarem em quartos inadequados durante a semana escolar.

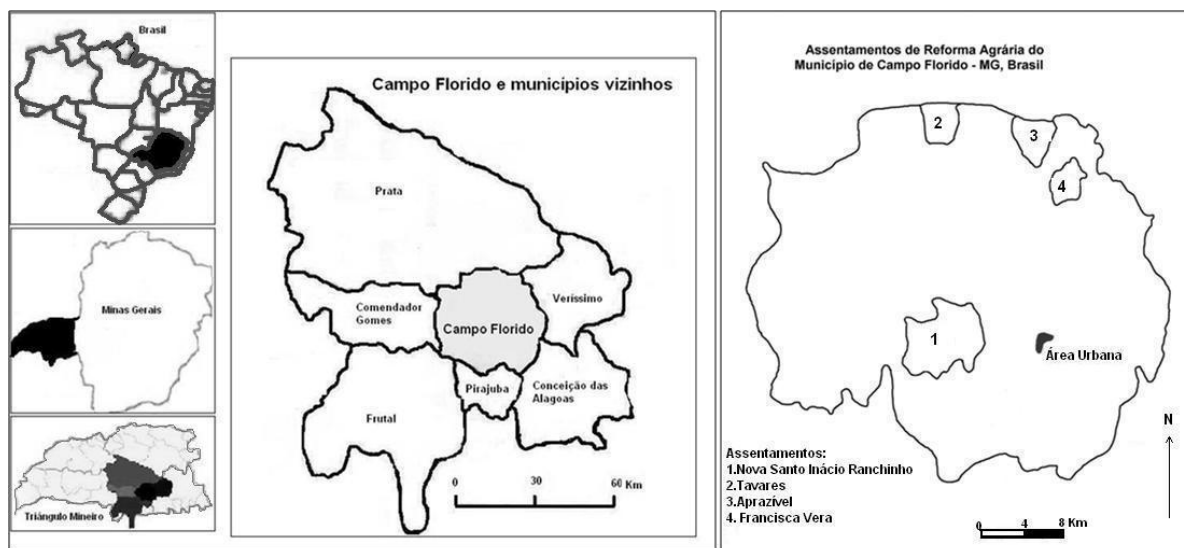


Figura 1: Localização do Município de Campo Florido, Minas Gerais e seus quatro assentamentos: Santo Inácio Ranchinho, Tavares, Aprazível e Francisca Vera. Organização: SAMPAIO, A.A.M., 2011.

É preciso discutir uma escola que atenda às questões do campo: alunos e pais, e também das/os professoras/es, como sujeitos sociais, históricos e (des) territorializadas/os, porque a educação como um dos processos de formação humana vai muito além do letramento e do cumprimento de programas escolares. Pois se a escola está em sociedade ela está também em função desta sociedade.

Segundo CALDART (2000) a Pedagogia dos Sem Terra tem uma grande contribuição a dar aos dias de hoje, principalmente na questão do compromisso da educação na formação de cidadãos participantes de seu próprio tempo e espaço.

(...) ao tratar de processos ou de práticas educativas em um sentido mais amplo ou no sentido mais restrito da educação escolar, estamos no âmbito da questão de como a humanidade se faz a si mesmo em cada lugar, em cada tempo histórico. Estamos discutindo o ser humano e como é possível conformá-lo a um determinado modo de ser no mundo. Ao trazermos de volta esta reflexão de origem, abrimos novamente o caminho para construir novas respostas para a pergunta sobre como acontece (e como pode ser provocado) este processo de humanização. E isto pode trazer junto a idéia de historicidade das práticas pedagógicas e no processo de produção de um sentido mais ou menos pleno da humanidade em seus educandos, o que também dependerá da sua própria inserção em um conjunto mais amplo de práticas sociais educativas. (CALDART, 2000:54-55).

CALDART (2000) coloca questões que são interessantes para a discussão da formação para a cidadania, seja ela voltada para atuar na cidade ou no campo.

Fazer-se humano e fazer-se sujeito social é fazer história. Fazer história é formar-se como humanidade, como sujeito humano. (b) Uma das dimensões fundamentais da educação como formação humana na perspectiva da emancipação humana e da transformação social é o desenvolvimento da consciência histórica: o saber-se parte de um processo que não começa nem termina com cada pessoa, ou cada

grupo humano, ou cada classe social. E não há como desenvolver esta consciência sem conhecer a história, o que nos chama a atenção para uma das tarefas educativas muito próprias da escola. (c) A ênfase na compreensão da educação como processo mais do que como produto ou como preceitos pedagógicos fixos. Trata-se de um olhar que altera substancialmente o jeito de pensar e de fazer a ação educativa e que nos exige uma postura dialética diante das diversas dimensões que constituem as possibilidades de formação humana. (CALDART, 2000:60).

Apesar de a proposta dos movimentos sociais, em especial os movimentos de trabalhadoras/es rurais, serem de libertação e emancipação humana, em seu interior, muitas mulheres ainda continuam subjugadas pelo autoritarismo de seus maridos, filhos, pais ou irmãos. Muitos desses homens são considerados lideranças por seus pares, e justamente por isso, contam com a proteção, também autoritários, do próprio movimento.

Cabe às/aos pesquisadoras/es, e, por conseguinte à universidade, conhecer essa realidade, tornar público o que está acontecendo e principalmente ajudar as mulheres que estão sofrendo na retomada de suas próprias vidas.

Nesse projeto a preocupação envolve todas as mulheres vinculadas ao assentamento de reforma agrária: sejam elas filhas, mães ou avós; professoras, religiosas, agentes de saúde e outras profissionais.

A sociedade e a universidade e os Desafios da Mulher no Neoliberalismo

Segundo Frei Betto: “O neoliberalismo é o novo caráter do velho capitalismo.”

Para muitos, o estado mais avançado da civilização. Uma sociedade democrática, onde todos podem chegar ao topo. Neste sistema tudo é mercadoria: homens, mulheres, crianças; plantas, animais, terra, água, Se pudessem até o ar que respiramos seria cobrado. Na História do Capitalismo as Mulheres sempre foram oprimidas. Ganharam um pouco de autonomia quando passaram ao mercado de trabalho. Mas muitos trabalhos da Mulher nunca foram reconhecidos. E a velha frase ainda continua: “Não trabalho, *sou dona de casa*”.

E hoje como estão as mulheres neste sistema? E as mulheres que são mães? E as que passam fome ? E as mulheres que são chefes de família? Na qual, 4,6 milhões de brasileiros em 2004 tinham renda mensal de R\$97, 71.

Destes 37% são famílias chefiadas por mulheres com mais de doía filhos. Neste sistema “*democrático*” o salário médio da mulher é inferior ao do homem, observe a figura 3.

Nível de Cargo	PERCENTUAL FEMININO	PERCENTUAL MASCULINO	SALÁRIO MÉDIO FEMININO	SALÁRIO MÉDIO MASCULINO	MÉDIA GERAL	RANKING DO RAMO COM MAIS MULHERES	RANKING SALARIAL
Administrativo	62%	38%	1.016	1.082	1.041	1	11
Estagiário	52%	48%	735	807	769	2	12
Especializados	40%	60%	2.358	3.006	2.750	3	8
Professor Universitário	32%	68%	3.652	4.572	4.276	4	6
Trainee	32%	68%	1.308	1.534	1.462	5	9
Supervisão	32%	68%	3.154	3.690	3.520	6	7
Operacional	26%	74%	908	1.322	1.214	7	10
Consultor	25%	75%	4.067	5.282	4.973	8	5
Gerente	16%	84%	7.316	8.136	8.003	9	4
Diretor	13%	87%	12.926	15.582	15.236	10	3
Presidente	8%	92%	26.500	28.211	28.082	11	1
Vice Presidente	7%	93%	20.000	26.048	25.616	12	2

Figura 3: Diferenças Salariais entre homens e mulheres. Fonte: Pesquisa Salarial Catho, 2007. No quadro é possível verificar que as maiores porcentagens de ocupação por mulheres estão em níveis hierárquicos mais baixos que os homens. Este quadro mostra que 62% dos cargos de nível Administrativo são ocupados por mulheres, nível que ocupa o 11º lugar no ranking de Salários. No maior nível salarial (Presidente) encontramos apenas 8% dos cargos ocupados por mulheres. Ranking Salarial significa o Posicionamento da Média Geral (Salários) por ordem de grandeza, do 1º (Presidência) até 12º (Estagiário). (CATHO, 2011).

As mulheres trabalhadoras mais pobres conseguiriam aumentar sua renda em até 30% se suas crianças tivessem creches e escolas integrais.

Bolsa-escola/família não dá autonomia para ninguém. Além da questão do trabalho e renda, ainda é difícil encontrar um parceiro que ajude em casa. Sendo que o número médio de horas gastos na semana em tarefas domésticas é: 10 horas para homens e 23 horas para mulheres.

Sabe-se que somente depois de resolvidas as questões maiores de sobrevivência dos filhos é que a Mulher se preocupa consigo mesma. E sexualmente falando, somente 30% das mulheres têm orgasmo regularmente. E, a maioria das mulheres chefes de família se priva de sua sexualidade, quando não são vítimas de companheiros cruéis.

Apesar de tudo, é interessante observar que ainda são sonhos femininos: o casamento, ter filhos, e vê-los crescer; conquistar a própria independência.

Todavia, o Neoliberalismo ainda oprime todas as mulheres em todas as classes sociais. Assim, algumas pagam altos preços por maridos políticos e falso moralistas, e outras por operários e trabalhadores rurais desempregados e desesperados.

As mulheres são as principais vítimas da violência “doméstica”. Por isso mesmo, as Mulheres não são “iguais” à maioria dos homens. Porque não querem ser submissas, nem tão pouco superiores a ninguém.

O que as Mulheres querem é uma sociedade que respeite sua própria diversidade. O desafio é participar da luta pelo respeito à vida, pela proteção a todos os grupos vulneráveis.

Deixaram de lado o revanchismo há muito tempo. A ordem é ocupar todos os espaços na sociedade: o poder público; o parlamento; os meios; acadêmicos; os partidos; os sindicatos; as associações e os movimentos sociais.

A missão é planetária

Os passos da pesquisa

A Pesquisa tinha como objetivo geral conhecer as histórias de vida das mulheres assentadas pela Reforma Agrária no Município de Campo Florido, Minas Gerais.

Como objetivos específicos trazia o desejo de: entrevistar as mulheres dos assentamentos de Reforma Agrária do Município de Campo Florido; permitir que as mulheres falassem e escrevessem sobre suas histórias de vida, como forma de socialização de suas lutas e conquistas; identificar possibilidades de atividades educativas colaborativas a partir das entrevistas; organizar as atividades colaborativas como forma de integração das mulheres dos assentamentos pesquisados; realizar Oficinas, Cursos e Palestras a partir das demandas colocadas pelas mulheres, assim como também ministrados por elas; divulgar os resultados do Projeto em Eventos, e periódicos e um livro das mulheres.

Segundo GUSTIN et al., (2004), para pesquisar pessoas em situação de risco social o melhor procedimento é o “estudo de caso” e a “história de vida”, técnicas que permitem conhecer em profundidade o sentido que os sujeitos atribuem à sua experiência de vida.

São procedimentos primordiais dessa linha de investigação: a “observação”, a “escuta”, a “compreensão” e a “intervenção”, onde os pesquisadores assumem múltiplos papéis, ou seja, são sujeitos que devem estar dispostos a “conhecer”, “dialogar” e a “responder” ou “fazer”, (...) (GUSTIN, et al., 2004, p.6)

Para que a metodologia cumprisse sua função foi necessária a construção de uma relação mínima de confiança entre pesquisadoras/es e sujeitos. Esta confiança conseguimos a partir do conhecimento recíproco.

As entrevistas, questionários, e as filmagens permitiram um primeiro diagnóstico, em que . foi possível sugerir ações de valorização humana, autonomia, auto-estima, como características básicas da cidadania.

Não foi de interesse das mulheres, sujeitos da pesquisa que ocorressem oficinas que discutissem a organização de cooperativas de mulheres, o que seria muito interessante do

ponto de vista da geração de renda e autonomia financeira. Talvez no futuro essa temática poderá se transformar em outro projeto, esse mais na linha da extensão.

Considerações Finais

Neste Projeto espera que, em longo prazo, a formação da/o Professor/a de Geografia, entre outras licenciaturas, se preocupe com a questão de gênero e torne possível que estudantes iniciem sua carreira como jovens cientistas, e por sua vez, se sensibilizem com a temática feminista para que sejam multiplicadores desta em seus futuros trabalhos.

Espera também introduzir a discussão da valorização das diferenças humanas, em especial na questão de gênero, na formação inicial e continuada dos docentes em todos os níveis, da Educação Infantil ao Ensino Superior, para que a situação entre homens e mulheres seja tema comumente discutido e avaliado na escola formal.

O Projeto contribuiu para a formação de recursos humanos, especialmente as bolsistas e voluntárias que participaram do projeto, dos grupos de estudo, das atividades de campo, e das reuniões de discussão no Laboratório de Geografia e Educação Popular - LAGEPOP.

Entre os Resultados obtidos estão as entrevistas com mais de 60 mulheres dos assentamentos de Reforma Agrária do Município de Campo Florido, sendo que as entrevistas foram realizadas de forma que as mulheres pudessem falar sobre suas histórias de vida, como forma de socialização de suas lutas e conquistas.

As Entrevistas foram realizadas em clima de respeito e amizade, valorizando as histórias de cada mulher, e sem julgamento, nem discussão perante os fatos relatados.

Apenas uma mulher quis escrever sua história. Foram encontradas possibilidades de atividades educativas colaborativas a partir das entrevistas, mas não foi possível organizar as atividades colaborativas como forma de integração das mulheres dos assentamentos pesquisados, porque as mesmas não se interessaram em participar. Também não se interessaram em participar de Oficinas, Cursos ou Palestras, também não se interessaram em ministrar Oficinas, Cursos ou Palestras. E os resultados do Projeto foram apresentados em Eventos, e o livro sobre as mulheres em fase de organização final.

Como Impactos Sociais, identificamos que as mulheres puderam falar sobre suas próprias histórias, tiveram voz. Como Impactos Ambientais não obtivemos diretamente nenhum, mas à medida que as mulheres se sentem mais valorizadas, também valorizarão o ambiente em que vivem e trabalham. Como Impactos Tecnológicos, as Entrevista ensinaram muito às bolsistas e à toda a equipe. E os Impactos Econômicos concluímos que as

entrevistas revelaram um lado escondido da Reforma Agrária no Brasil, o que permite antever que novas pesquisas precisam ser realizadas a partir desta.

Como resultados do Projeto no Laboratório, tivemos a participação das Bolsistas e dos Pesquisadores de Apoio que atuaram como voluntários na discussão do tema.

Na Formação de Recursos Humanos ocorreu a formação de novos pesquisadores, e na área de conhecimento houve novas informações e novos conhecimentos sobre a História da Vida da Mulher Brasileira.

Referências

CALDART, Roseli Salette. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000. 276p.

CALLAI, Helena C. et al. *O Estudo do Município e o Ensino de História e Geografia*. Ijuí: Unijuí. 1988. 63p.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários a uma prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 152 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 88p.

GILLY, Pierre. *Estudos sobre Pedagogia da alternância*. Curitiba: 1995. (mimeo)

GIROUX, H. *Teoria crítica e resistência em educação*. Petrópolis: Vozes, 1986, 336p.

GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (Org.). *Políticas públicas e igualdade de gênero*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

GUIMARÃES, L.C. *Luta pela terra, cidadania e novo território em construção: o caso da Fazenda Santo Inácio Ranchinho, Campo Florido – MG (1989 – 2001)*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia, MG. UFU, 2001, 169 p.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; FERNANDES, Cândido Luiz de Lima; PEDRON, Ronaldo Araújo; BAPTISTA, Larissa; CALDAS, Sielen Barreto. Criança e adolescente em situação de risco: geração de renda como alternativa de prevenção à exploração sexual. In: 7. *ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS*. Anais... Belo Horizonte, 12 a 15 de setembro de 2004.

LE SANN, Janine Gisèle. Dar o Peixe ou ensinar a pescar? Do papel do Atlas Escolar no Ensino Fundamental. *Revista Geografia e Ensino*. Belo Horizonte. V.6, N.1, p.31-34. Março, 1997b.

- LIMA, M. H. *Educação e reforma agrária: (re) configurações entre a cidade e o campo*. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação de Mestrado. 2001. 182 p.
- LIMA, M. H. *Pedagogia dos Sem Terra*. Uberlândia, 1998. 108 p. (Monografia de Especialização em Planejamento Educacional).
- LIMA, Márcia Helena; PESSOA, Vera Lúcia Salazar; VLACH, Vânia Rúbia Farias. *Espaços Escolares Urbanos e Rurais: vivências e experiências histórico-sociais*. Uberlândia, 2007. 15p. (mimeo).
- MARTINS, Sérgio Pinto. *Cooperativas de trabalho*. São Paulo: Atlas, 2003.
- NADAI, Elza. A educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na primeira república: discriminação ou emancipação? *Revista da Faculdade de Educação*, v. 17, n. 1/2, 1991.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 89-98, 1998.
- RESENDE, Márcia M. S. O saber do aluno e o Ensino de Geografia. In: VESENTINI, J.W. (Org.). *Geografia e Ensino: Textos Críticos*. Campinas: Papirus, 1989. p. 83-115.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo; et al. Formação Continuada em Geografia: primeiras reflexões sobre a experiência com os professores dos Assentamentos de Reforma Agrária de Campo Florido – MG. In: *ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, XV*, 2008. Anais. São Paulo, SP. AGB / USP. 12 p.
- SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo; VLACH, Vânia Rúbia Farias; OLIVEIRA, Terezinha Tomaz; et al. *Projeto Formação Docente em Geografia: Pedagogia da Terra e Assentamentos de Reforma Agrária*. PEIC/UFU/IG/LEGEO. 2007. Mimeo.
- SANTOS, Milton et al. (Org.). *O mapa do Mundo: Problemas Geográficos de um Novo Mundo*. São Paulo: Hicitec-Anpur. 1985. p.302-306.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.
- SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2005.

SILVEIRA, Maria Lúcia da; GODINHO, Tatau (Org.). *Educar para a igualdade: gênero e educação escolar*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia de pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1995.

STEDILE, J.P. (Org.) *A questão agrária hoje*. Porto Alegre, RS. UFRGS, 1994.

MARTINS, J.S. *O Poder do atraso: Ensaio de Sociologia Lenta*. São Paulo, SP. HICITEC, 1999, 174 p.

MEDEIROS, L.S. *História dos Movimentos Sociais no Campo*. Rio de Janeiro, RJ. FASE, 1989, 215 p.

RESENDE, M., MENDONÇA, M.L. *As Políticas do Banco Mundial para a Estrutura Fundiária Brasileira: Armadilhas do Mercado de Terras*. São Paulo, SP. MAXPRINT, 2004.

Texto recebido em: 06/08/2017. Texto aprovado em 10/11/2017.